

O estudo de gênero no contexto da memória regional: representação das mulheres nas coleções bibliográficas sobre Brasília

Mariana Giuberti Guedes Greenhalgh

Biblioteca Nacional de Brasília, Brasília, DF, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2715-0554>

marigggreenhalgh@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v17.n3.2024.52334>

Recebido/Recibido/Received: 2023-11-21

Aceito/Aceptado/Accepted: 2024-08-05

Publicado/Publicado/Published: 2024 11 10

Resumo

Na Ciência da Informação o estudo de gênero se estrutura de várias maneiras, uma delas é identificando as mulheres em produções bibliográficas. No caso das coleções de memória regional, a representatividade das mulheres é essencial para se reconhecer os papéis de gênero na história e no desenvolvimento da região. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo identificar e analisar a representação das mulheres em Coleções sobre Brasília, no assunto e na autoria. Para a realização da pesquisa, os livros e folhetos da Coleção Brasília de três bibliotecas foram mapeados, além de um levantamento em bibliografia sobre a capital federal para localizar títulos que tratem das mulheres no contexto de Brasília. Como resultado, verificou-se que a produção sobre mulheres na capital federal ainda é insuficiente, com pouca representação, tanto nas três coleções sobre Brasília, quanto na bibliografia sobre Brasília. Constatou-se também que as mulheres possuem uma produção bibliográfica baixa em comparação aos homens, porém suas publicações influenciam os estudos sobre mulheres. Conclui-se que por uma questão histórica e social, o reconhecimento da mulher na historiografia se relaciona com o silenciamento, mas as bibliotecas podem trazer dentro de seus espaços, produtos e serviços que evidenciem a mulher no contexto da memória regional.

Palavras-chave: Acervos (biblioteca); Coleções especiais; Desenvolvimento de coleções; Mulher.

Gender study in the context of regional memory: representation of women in collections about Brasília Abstract

In Information Science, the study of gender is structured in several ways, one of which involves identifying women in bibliographic productions. In the case of regional memory collections, the representation of women is essential to recognize gender roles in the history and development of the region. The representation of women on the regional memory collections is essential to recognize gender roles throughout history during the development of the region. On this account, the present article aims to identify and analyze the representation of women in Collections about Brasília, both in subject matter and authorship. The research was conducted by mapping books and pamphlets from the Brasília Collection in three libraries, along with a survey of literature on the federal capital to locate titles dealing with women in the context of Brasília. As a result, it was found that the production about women in the federal capital is still a relatively unexplored topic, with low representation in both Brasília Collections and literature about Brasília. Women do not have as much production as men, but their production influences studies about women. It is concluded that due to historical and social reasons, the recognition of women in historiography is linked to silence, but libraries can incorporate products and services within their spaces that highlight women in the context of regional memory.

Keywords: Library collections; Special collections; Collection development; Women.

El estudio de género en el contexto de la memoria regional: representación de las mujeres en las colecciones sobre Brasilia

Resumen

En la Ciencia de la Información, el estudio de género se estructura de diversas maneras, una de ellas consiste en identificar a las mujeres en las producciones bibliográficas. En el caso de las colecciones de memoria regional, la representación de las mujeres es esencial para reconocer los roles de género en la historia y el desarrollo de la región. En este sentido, el presente artículo tiene como objetivo identificar y analizar la representación de las mujeres en Colecciones sobre Brasilia, tanto en el tema como en la autoría. Para llevar a cabo la investigación, se mapearon libros y folletos de la Colección Brasilia de tres bibliotecas, además de realizar un levantamiento bibliográfico sobre la capital federal para localizar títulos que traten sobre las mujeres en el contexto de Brasilia. Como resultado, se observó que la producción sobre mujeres en la capital federal aún es un tema poco explorado, con una baja representación tanto en las Colecciones de Brasilia como en la bibliografía sobre Brasilia. Las mujeres no tienen tanta producción como los hombres, pero su producción influye en los estudios sobre mujeres. Se concluye que, debido a razones históricas y sociales, el reconocimiento de la mujer en la historiografía está relacionado con el silenciamiento, pero las bibliotecas pueden ofrecer productos y servicios que destaquen a la mujer en el contexto de la memoria regional dentro de sus espacios.

Palabras clave: Colecciones (biblioteca); Colección especial; Desarrollo de colecciones; Mujer.

1 Introdução

Segundo Mancilla *et al.* (2012, p. 24, tradução nossa), “o conceito de gênero foi definido na perspectiva da construção social e da construção cultural das diferenças entre mulheres e homens”, questionando as condições universais de cada um e verificando situações que contribuem com a configuração de identidades historicamente definidas para cada gênero.

Para Tedeschi (2016, p. 159), o estudo de gênero possibilita analisar a trajetória das mulheres ao longo de décadas, permitindo uma compreensão mais profunda das “mudanças, permanências e rupturas” experimentadas. Esse enfoque torna possível considerar as transformações ocorridas, especialmente no contexto das visões essencialistas, destacando suas implicações sociais, históricas e relacionais, assim como suas dimensões simbólicas e subjetivas.

Neste sentido, a representação das mulheres na historiografia brasileira é uma questão que tem recebido crescente atenção, refletindo uma mudança na busca por narrativas inclusivas. Diversos estudos têm analisado o papel e a contribuição das mulheres na construção da história, demonstrando a necessidade de visitar e reconstruir narrativas tradicionais. Ao considerar coleções de memória regional, aquela que representa parte de uma região seja pela sua história, cultura ou geografia, pode representar também estereótipos e silenciamentos estruturados na sociedade.

Inaugurada como capital federal desde 1960 e localizada no Distrito Federal (DF), Brasília é uma cidade planejada que se tornou um marco desenvolvimentista do Brasil. A participação das mulheres na história da cidade é marcada por uma narrativa multifacetada que

abrange desde a fase de sua concepção e construção até os movimentos sociais e conquistas contemporâneas. Desde o princípio da nova capital, as mulheres desempenharam papéis essenciais, contribuindo significativamente para a identidade e o desenvolvimento da cidade. Em pesquisa realizada por Fontenele (2017) é possível verificar a falta de reconhecimento dessas mulheres na história oficial de Brasília, com ausência de referências a suas atividades cotidianas, trabalho e participação nos espaços públicos.

Na perspectiva da Ciência da Informação (CI), a produção feminina é um estudo possível nos acervos, identificando e avaliando a representação da mulher, seja como assunto, seja como autora. Essa análise é necessária para o reconhecimento de nomes que foram apagados ao longo da história da produção intelectual e do conhecimento. Duarte (2022, p. 16) alerta que o apagamento dos nomes de autoras na história “teve como consequência um grave dano ao acervo cultural brasileiro e à identidade feminina, provocando verdadeira amnésia social e desconhecimento generalizado da história de nossa opressão e resistência”.

Na atuação bibliotecária, profissionais estão cada vez mais trabalhando para a formação de acervos mais inclusivos e documentos norteadores são elaborados para auxiliar neste processo. Demonstrando que não é somente uma necessidade nacional, existem iniciativas em outros países na busca de acervos mais democráticos, um dos exemplos é o *Guía para la incorporación del enfoque de género en bibliotecas*, elaborado pela *Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos* (Dibam) do Chile. O guia visa principalmente dois objetivos: um relacionado ao compromisso do país no “fim da discriminação e à promoção da igualdade de gênero” e o outro relacionado à busca por melhorias nos serviços que as bibliotecas prestam ao gerar condições de acesso equitativo aos bens culturais e à sua produção (Mancilla et al., 2012).

Considerando a representatividade da mulher em coleções bibliográficas de memória em bibliotecas, especificamente coleções sobre Brasília, o presente trabalho se propôs a mapear e analisar as mulheres como assunto e como autoria em livros e folhetos que abordam sobre a capital federal. Realizou-se, portanto, um levantamento de livros e folhetos sobre Brasília presentes na Bibliografia Brasília (2020) visando o mapeamento das publicações sobre o tema. Também foi realizada uma análise em três coleções bibliográficas sobre Brasília, intituladas *Coleção Brasília*, presentes na Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), na Biblioteca Nacional de Brasília (BNB) e na Biblioteca Affonso Heliodoro dos Santos (BAHS) do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF). Ao tratar destas três coleções concomitantemente, ao longo do texto, será utilizado o termo *Coleções Brasília*.

A partir da análise comparativa entre as publicações identificadas na Bibliografia Brasília (2020) com os livros e folhetos presentes nas Coleções Brasília, foi possível verificar a abrangência dos títulos presentes nas coleções em relação ao universo de publicações, bem

como analisar a representatividade feminina em coleções bibliográficas de memória regional brasileira em bibliotecas.

2 Estudo de gênero na Ciência da Informação

As pesquisas em Ciência da Informação têm incorporado o estudo de gênero dentre as temáticas de estudo. Segundo Heilborn e Sorj (2016), os estudos sobre mulher, estudos de gênero ou de relações de gênero surgiram como formas de institucionalizar a reflexão acadêmica, impulsionada pelo feminismo no Brasil. Na década de 1970, o termo *estudos sobre mulher* era o mais comum para descrever essa nova área. Publicações e eventos frequentemente usavam o termo *mulher* em seus títulos, focando principalmente em preencher lacunas de conhecimento sobre a situação das mulheres e em denunciar sua exploração, subordinação e opressão na sociedade brasileira.

A partir da década de 1980, houve uma gradual substituição do termo *mulher* pelo termo *gênero*, sendo utilizada para criticar os pressupostos fundamentais dos principais paradigmas da teoria social. Isso significava não apenas entender a importância das relações de gênero na organização da vida social, mas também analisar como o gênero influenciava o próprio conhecimento produzido pelas ciências sociais. (Heilborn; Sorj, 2016).

Na Ciência da Informação, os estudos relacionados ao gênero feminino podem se contextualizar em todo o processo do ciclo informacional, além de todas as problemáticas relacionadas à informação organizada e mediada. No estudo da produção bibliográfica realizada por mulheres, a Ciência da Informação se torna aliada na identificação das disparidades por gênero. Para Almeida e Manuel (2012), por mais que a CI tenha incorporado as perspectivas femininas em seus estudos, sua abordagem ainda é inicial, tendo em vista que o tema mulher “é tratado apenas como uma variável que ainda não sustenta uma discussão a respeito da reforma das diretrizes da [área]” (Almeida; Manuel, 2021, p. 77).

Para os autores, nas publicações da área existem duas intenções de estudo: da mulher-palavra, que identifica a mulher através da palavra ou do tema, e da mulher-objeto, que reconhece a mulher como objeto de estudo da CI. Os estudos voltados para a mulher-palavra “são fundamentais para a ciência da informação reconhecer o seu percurso histórico e como pesquisadoras e pesquisadores foram alterando a sua postura frente a determinados assuntos” (Almeida; Manuel, 2021, p. 78). No caso da mulher-objeto, os estudos têm se aprofundado na questão da mulher, “a mulher não é um assunto de uma literatura ou conjunto de revistas apenas, mas um objeto que se constata na prática” (Almeida; Manuel, 2021, p. 86).

Além do estudo voltado para o contexto da informação, existe a necessidade de abordar questões relacionadas ao gênero nas instituições. Chaves e Bizello (2022) apontam a escassez

de fontes sobre mulheres em instituições de guarda, tendo como consequência a ausência do gênero feminino em registros históricos. Sendo assim, a inclusão de arquivos pessoais de mulheres em instituições arquivísticas auxilia no processo de sua valorização na história, por meio da preservação e da disseminação da memória registrada.

Para a inclusão de mais arquivos pessoais de mulheres em instituições, algumas iniciativas surgiram como, por exemplo, a Rede Arquivos de Mulheres (RAM) que reúne profissionais e instituições com “interesse em visibilizar, valorizar e refletir sobre arquivos de mulheres e seus processos de salvaguarda” (Rede Arquivos de Mulheres, 2021). Dentre os documentos considerados pela RAM estão todos aqueles de natureza pública e privada, todos os gêneros documentais, espécies, formatos e tipologias, além de registros de memória oral e entrevistas. Segundo a Rede Arquivos de Mulheres,

apesar de muitas pesquisas se debruçarem sobre arquivos de mulheres, é urgente que as instituições oficiais de salvaguarda sejam demandadas a ampliar seus acervos, incluindo grupos até então minoritários e excluídos, como por exemplo as mulheres. As iniciativas desenvolvidas no Brasil têm sido pontuais, faltando diálogos mais amplos entre agentes que pesquisam e atuam nos acervos (Rede Arquivos de Mulheres, 2021).

Chaves e Bizello (2022) ainda destacam a necessidade dos profissionais dessas instituições se responsabilizarem pela inclusão dos arquivos de mulheres, tendo em vista que não há incentivos ou maiores informações por parte da regulamentação das leis principais sobre arquivos públicos e privados. Para as autoras, uma vez que os documentos são incluídos na instituição, além da atuação na preservação e divulgação, são necessárias ações que proporcionem mudança e que favoreçam um cenário mais igualitário para a história das mulheres nas coleções de memória.

Ainda na perspectiva arquivística, um levantamento foi realizado no Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) da Fundação Nacional de Artes (Funarte), visando identificar a presença de arquivos e coleções de mulheres no acervo. A partir deste estudo constataram uma presença significativa destes arquivos e coleções, mesmo que inferior à quantidade masculina. Essa realidade foi favorecida por uma campanha de doação, coordenada pelo Sistema Nacional de Teatro (SNT), como parte de um “projeto de modernização que incluía uma ampla ação de preservação e difusão da memória do teatro” (Lopes, 2022, p. 311). Durando quase duas décadas, a campanha foi realizada na tentativa de completar lacunas da história do teatro brasileiro e, a partir dela, diversas coleções foram doadas por mulheres, fazendo parte do conjunto documental até os dias atuais, tendo em vista que o acervo do SNT foi incorporado posteriormente ao CEDOC da Funarte. Este estudo demonstra que existem métodos que podem

auxiliar no recebimento e reconhecimento de acervos de mulheres, possibilitando gradualmente a mudança da realidade desigual nas instituições de guarda(Lopes, 2022).

Na perspectiva bibliotecária, Mancilla *et al.* (2012) desenvolvem o Guia para incorporar a questão de gênero nas bibliotecas, defendendo que é necessário integrar conscientemente a abordagem nas instituições. Segundo os autores, na incorporação é possível observar e revelar situações, necessidades e interesses que podem ter permanecidos ocultos até então, permitindo o aprimoramento da gestão e a oferta de produtos e serviços culturais mais pertinentes para os usuários.

Em muitas bibliotecas, o foco da incorporação da perspectiva de gênero acontece primordialmente no atendimento ao usuário, porém o trabalho com o desenvolvimento de coleções é tão relevante quanto de referência, tanto na questão de suprir as necessidades informacionais, quanto na preservação, disseminação e valorização da memória coletiva de forma inclusiva, proporcionando “uma visão crítica das relações assimétricas tradicionais entre os gêneros e outras identidades” (Mancilla *et al.*, 2012, p. 55, tradução nossa).

O enfoque de gênero no processo de desenvolvimento de coleções considera primeiro a seleção e aquisição de publicações que atendam às necessidades e aos interesses informacionais variados dentre os gêneros. Além disso, “englobam títulos que abordam criticamente os papéis de gênero convencionais atribuídos a mulheres e homens, bem como suas relações” (Mancilla *et al.*, 2012, p. 55, tradução nossa). Para alcançar este estado mais inclusivo nos acervos é necessário a realização de estudos e pesquisas sobre as coleções com enfoque na questão de gênero, “tanto para destacar a história, criação artística e papéis das mulheres quanto para valorizar as relações de gênero e diversidades presentes nas coleções” (Mancilla *et al.*, 2012, p. 58, tradução nossa).

Além da inclusão de livros no acervo que considerem a questão de gênero, as bibliotecas podem criar coleções especiais temáticas ou de memória reunindo um acervo documental, em qualquer formato ou suporte, que deixa em destaque publicações sobre mulheres, sobre o feminismo, sobre escritores específicos que abordem o tema ou até mesmo escritoras locais, regionais, nacionais ou internacionais. E nesse aspecto a promoção das coleções é essencial para o reconhecimento da perspectiva de gênero, podendo utilizar “a criação de novos conteúdos para exposições, visitas guiadas e outras atividades educativas e de extensão realizadas na biblioteca” (Mancilla *et al.*, 2012, p. 58, tradução nossa).

Lima (2019, p. 30) problematiza a atuação no desenvolvimento de coleções ao afirmar que é uma “atividade bibliotecária que transforma a biblioteca em dispositivo não apenas estético, mas principalmente ético, para incorporar questões de gênero e diversidade sexual”. Ao analisar sobre a inclusão da temática que faz referência a lésbicas, gays, bissexuais,

transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero, representados pela sigla LGBTQI+, nos acervos das bibliotecas, o autor alerta o papel do profissional bibliotecário nesta inclusão, nas tomadas de decisão que tornam possíveis acervos mais representativos. “O trabalho do bibliotecário tem que estar vigilante quanto aos preconceitos que existem na área da informação. Inclusive na atenção quanto ao impacto que determinado termo ou assunto exerce sobre certas comunidades” (Lima, 2019, p. 33).

Lima (2019) destaca a importância de bibliotecas como guardiãs da memória, em que, mesmo existindo esforços para extinguir assuntos relacionados às questões de gênero e diversidade sexual, os acervos asseguram de uma forma mínima a memória e a resistência deste segmento social. “Além de assegurar a memória, essas coleções também se configuram como uma forma de resistência e confirmam uma política de atuação pelo viés da cultura” (Lima, 2019, p. 32).

Esta responsabilidade de tornar acervos mais inclusivos e representativos acompanha várias problemáticas. A primeira condiz com a falácia de que a biblioteconomia é uma área neutra na seleção, no tratamento e na disseminação da informação. Segundo Lima (2019) existem interferências e pressões do contexto social do profissional, além das próprias convicções pessoais que podem interferir na tomada de decisão. Portanto, o processo de seleção dos livros que farão parte do acervo deve ser baseado em critérios bem estabelecidos, eliminando lacunas que permitam interferências segundo preferências pessoais.

A neutralidade também se manifesta na perpetuação de discursos únicos em acervos. Se existe uma estrutura social que favorece determinados sujeitos em detrimento de outros marginalizados, é necessário um esforço para resgatar os registros e as memórias daqueles que são prejudicados nesta estrutura. Achilles, Gonçalves e Peixoto (2022) analisam o enquadramento da biblioteca pública na perspectiva da colonialidade do poder, tendo em vista que foi instituída para uma parcela letrada da população com produtos e serviços centrados para tal público. Os acervos eram constituídos com publicações de autores do “eixo euro-norte-americanos”, considerados clássicos da literatura, perpetuando, “discursos que patenteiam e ratificam as visões eurocêntricas de mundo, ideias patriarcais, validando e fortalecendo o discurso, a versão única ou limitada para as áreas do conhecimento e objetos estudados” (Achilles; Gonçalves; Peixoto, 2022). Segundo os autores, é dessa forma que os acervos continuam representando uma história única e um racismo estrutural.

Há séculos a cultura escrita prioriza escritores e pesquisadores homens, brancos, pertencentes a classes sociais privilegiadas direcionando a valorização de publicações a partir da perspectiva colonial e eurocêntrica no mercado editorial. Em estudo sobre escritoras em bibliografias brasileiras, Araújo e Silveira (2023, p. 50) defendem que a pesquisa pode ser capaz

de “revelar silenciamentos que a escrita bibliográfica possibilita, oportunizando trazer à cena mulheres que têm sido apagadas da historiografia sobre a cultura escrita no e referente ao Brasil”. Os autores dão atenção ao fato que ao tratar dos estudos sobre as mulheres e a cultura escrita, mesmo as mulheres reconhecidas na história correspondem a um padrão de mulher branca, europeia, anglo-saxã e norte-americana. O discurso hegemônico, “paradoxalmente, elege a imagem de um sujeito feminino universal, silenciando outras tantas vozes como as das mulheres negras, latinas, indígenas, aborígenes, etc.” (Araújo; Silveira, 2023, p. 51). Isso demonstra como existem muitas camadas socioculturais nos estudos de gênero.

Ao observar a trajetória da literatura feminina, Tedeschi (2016) afirma que o desenvolvimento da prática de escrita por mulheres abarcou uma variedade de gêneros textuais, literários e historiográficos, sendo permeado pela urgência das mulheres em se integrarem no universo literário dominado por homens, enquanto enfrentam a ameaça constante de serem marginalizadas. O desafio de se afirmar e, ao mesmo tempo, enfrentar o risco de serem apagadas assombrou muitas das mulheres que se aventuraram na escrita.

Duarte (2022, p. 16) ao falar sobre as autoras brasileiras defende que ao longo da história houve um “*memoricídio*, conceito que designa o assassinato da memória e da cultura”. Mesmo nos esforços das mulheres em ultrapassar os limites impostos pelo patriarcado no que diz respeito à produção intelectual, elas foram sistematicamente silenciadas. Para a autora, “foram razões históricas e ideológicas as responsáveis por jogar no limbo do esquecimento as primeiras produções intelectuais das mulheres, bem como sua participação nas lutas sociais” (Duarte, 2022, p. 16).

Não questionar acervos e suas formações é validar uma narrativa única, desta forma a atuação bibliotecária é o diferencial para resgatar memórias e narrativas silenciadas. Por isso, muitas discussões estão se consolidando ao trazer outras perspectivas. Segundo Passos (2019, p. 83-84), para a Ciência da Informação as pautas relacionadas aos estudos de gênero justificam a não-neutralidade da área, “refletidas na escassez de estudos envolvendo os percalços de grupos que estão à margem da sociedade, em temas que tratam sobre sexualidade, mulheres, raça e a própria construção epistemológica da área”.

Além da neutralidade, outra problemática a ser superada é a da censura na atuação das bibliotecas em incluir temáticas diversas. Nesta perspectiva, Lima (2019, p. 40), ao tratar da seleção de livros, afirma que “geralmente a maioria das bibliotecas estão subordinadas a uma estrutura organizacional maior, com missões e valores que nem sempre são postos em prática, ou muitas vezes propositalmente inibidores da liberdade humana”. Isso é um fator que dificulta, pois pode ocorrer impedimentos de gestores em posição hierárquica superior aos bibliotecários

no “processo de seleção que possa interferir no esquema social, com clara intenção de atuar sobre atitudes racistas, machistas, homofóbicas, transfóbicas, [dentre outras]”.

Para o autor, a “biblioteca pode vir a ser um espaço de discussão tanto das injustiças de gênero quanto mediadora da informação sobre a diversidade sexual humana” (Lima, 2019, p. 30). No entanto, essa atuação exige um esforço por parte dos profissionais ao mudar a perspectiva normalizada nos acervos. Dar destaque a temáticas relacionadas ao gênero, à diversidade sexual, ao racismo, e aos tantos assuntos que representam a variedade humana é uma ação possível no desenvolvimento de coleções, incluindo serviços e produtos que demonstram a inclusão da diversidade.

3 Mulheres em Brasília e no Distrito Federal

A narrativa histórica tem sido o terreno onde a legitimidade e o controle se manifestam. O domínio sobre a palavra escrita, tradicionalmente nas mãos de homens letrados, resultou em um exercício excessivo do poder simbólico para narrar, relatar e atribuir significado a partes selecionadas da realidade, enfatizando triunfos, grandes feitos heroicos e pretensões de superioridade e poder (Tedeschi, 2016).

A presença das mulheres na historiografia brasileira representa um capítulo essencial na revisão e ampliação do entendimento histórico do país. Historicamente marginalizadas ou silenciadas nos relatos tradicionais, as mulheres começaram a ganhar visibilidade graças a novos olhares nas limitações impostas pelo discurso historiográfico. Rago (1995) traz a reflexão da recente inclusão das mulheres na historiografia, destacando a descoberta de momentos inesperados da presença feminina na história e a ampliação do discurso historiográfico antes focado no sujeito universal masculino, que, tradicionalmente, enfatizava a participação de homens em eventos como abolição da escravatura, imigração e industrialização, relegando as mulheres a uma posição marginal.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica, impulsionadas pelo movimento feminista desde os anos 1970, rompeu o silenciamento, porém é necessária uma visão crítica das novas produções intelectuais resultantes desse alargamento temático. A autora destaca que a história não apenas narra o passado, mas constrói um discurso sobre ele, influenciado pela subjetividade de quem o narra (Rago, 1995).

A produção historiográfica que se concentrou na participação das mulheres nos eventos históricos não apenas resgatou suas histórias, mas também desafiou as estruturas existentes, como a história social. Enquanto as abordagens tradicionais muitas vezes as viam como vítimas passivas das determinações econômicas e sociais, as historiadoras destacaram as formas

multifacetadas de resistência, a capacidade de luta e a participação ativa das mulheres na transformação das condições sociais de vida.

Sem se distanciar da realidade da historiografia num quadro geral, a invisibilidade das mulheres na construção de Brasília durante a década de 1960 resultou de uma sociedade que naturalizava a ausência feminina em determinados contextos, reforçando estereótipos de gênero e desigualdades. Apesar da importância histórica da cidade de Brasília como marco do desenvolvimento brasileiro, as mulheres pioneiras que participaram ativamente desse processo são frequentemente esquecidas na historiografia oficial. O período de construção de Brasília é contextualizado como uma fase de transformação social, política e econômica proposta pelo presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976). No entanto, as narrativas históricas predominantes focam aspectos políticos, arquitetônicos e de planejamento urbano, destacando principalmente figuras masculinas envolvidas, enquanto as mulheres são negligenciadas (Fontenele, 2017).

Segundo Fontenele (2017), a dificuldade de identificar mulheres na historiografia oficial de Brasília se dá no fato da história da cidade ser escrita sob a ótica masculina formando seu protagonismo histórico e omitindo a participação feminina em várias perspectivas, sendo desvalorizadas em seus papéis como parteiras, cozinheiras, lavadeiras, engenheiras, professoras, prostitutas, donas-de-casa, dentre outras, na formação da cidade.

Em estudo feito por Aliaga Fuentes, Carnaúba e Bomtempo (2023) é possível perceber a representação das mulheres na época da construção de Brasília a partir da *Revista Brasília*, editada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), que tinha como finalidade documentar o surgimento e a consolidação da nova capital, buscando desta forma abastecer a opinião pública nacional e internacional de forma gratuita. A *Revista Brasília* formava a história de Brasília pela narrativa do próprio governo.

Nos estudos realizados pelas três autoras, as figuras femininas que apareciam nas publicações da *Revista Brasília* se caracterizavam como: as damas da alta sociedade (esposas e filhas); as profissionais (arquitetas, professoras e telefonistas); as visitantes (mulheres comuns, artistas e intelectuais); e as modelos. As autoras destacaram a representação das mulheres nesse contexto, ressaltando a predominância de papéis secundários e estereótipos tradicionais. Apontaram que as mulheres comuns, apesar de contribuírem ativamente para a cidade em profissões diversas, eram frequentemente invisibilizadas nos registros do periódico. Além disso, quando apontavam a presença feminina em eventos promocionais, eram sempre retratadas num papel figurativo, contribuindo para a idealização da mulher moderna e o progresso da nova capital. As narrativas trazidas sobre as mulheres eram histórias de amenidades (Aliaga Fuentes; Carnaúba; Bomtempo, 2023).

Apesar do discurso construído nos artigos da *Revista Brasília*, Fontenele (2017) afirma que as mulheres desempenharam papéis significativos nesse período, apesar de em menor número, ocupando diversas profissões e contribuindo para a formação da nova capital. No entanto, a invisibilidade feminina é atribuída à narrativa histórica escrita sob uma perspectiva masculina, refletindo as relações de gênero patriarcais predominantes na sociedade da época. Para abordar essa lacuna histórica, a autora desenvolveu o projeto *Mulheres invisíveis da construção de Brasília*, entrevistando 50 mulheres pioneiras que chegaram à cidade entre 1956 e 1960. O objetivo era resgatar suas memórias e experiências, desafiando o silenciamento histórico e apresentando uma perspectiva feminina sobre a construção da capital.

As entrevistas revelaram os desafios enfrentados pelas mulheres, bem como suas contribuições para a cidade de maneiras significativas. A seleção por concurso de professoras, por exemplo, proporcionou oportunidades de independência econômica e social, desafiando as normas tradicionais de gênero da época. A construção de Brasília, para muitas mulheres, representou uma quebra de paradigmas, rompendo com preconceitos e estabelecendo novos padrões de comportamento. A autora destaca a importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres para a história de Brasília, propondo uma revisão da historiografia oficial. Ao trazer à tona as memórias femininas, a autora buscou não apenas corrigir o silenciamento histórico, mas também promover uma reorganização das representações da cidade, conferindo visibilidade pública à participação das mulheres nesse capítulo da história brasileira (Fontenele, 2017).

Além dos trabalhos de Fontenele (2017), outros estudos buscaram resgatar a memória feminina em Brasília e um desses trabalhos foi realizado por Nascimento (2019, p. 297) que teve como objetivo “analisar ocorrências policiais registradas em livros-ata na Divisão de Segurança da NOVACAP” buscando identificar ocorrências que relataram “situações de violência contra mulheres no espaço público da construção de Brasília e foram produzidas no período de 1958 a 1961”.

A partir do mapeamento de fontes bibliográficas no acervo histórico do Arquivo Público do Distrito Federal, o autor identificou 279 situações de crimes cometidos contra as mulheres em 236 ocorrências policiais, além disso, identificou que 91 ocorreram em âmbito doméstico ou familiar, enquanto que 145 ocorreram nos espaços públicos de Brasília. O que diz respeito às relações de gênero, Brasília não se distanciou da realidade machista, opressora e silenciadora de outras capitais mais antigas, “o ambiente violento de Brasília foi diversas vezes silenciado ou negligenciado por uma historiografia da cidade centrada em grandes feitos e grandes heróis, em mitos de união e de marcos fundantes de uma nova nação” (Nascimento, 2019, p. 299).

[...] mais do que reparar um emaranhado de processos violentos que essas mulheres da construção de Brasília (e todas as mulheres) passaram: de repressão, de esquecimento, exclusão; buscamos fornecer legitimidade ao que se entende de história das mulheres e das relações de gênero em Brasília, utilizamos a pesquisa como uma forma de compreender criticamente como a história opera enquanto lugar de produção do saber sobre a participação das mulheres, bem como os processos de violências que essas mulheres foram subsumidas nas diversas narrativas que comportam uma história para a cidade (Nascimento, 2019, p. 326).

A pesquisa demonstra a importância do resgate de fontes documentais diversas para preencher lacunas na historiografia do Distrito Federal, em especial pesquisas históricas que associem gênero no contexto histórico da construção de Brasília. Outro trabalho que busca resgatar parte da memória das mulheres no Distrito Federal foi feito por Santos (2018) em estudo doutoral com tese intitulada *(Re)canto de memórias: histórias do Recanto das Emas e suas moradoras (1993-2017)*. O autor teve como objetivo “estudar a cidade do Recanto das Emas e contar histórias desse espaço, em diálogo com a memória de suas moradoras”, vendo possibilidade em escrever uma história do Recanto das Emas “a partir das narrativas de algumas de suas moradoras, suas netas e netos, enfim, de pessoas que conferem sentido a esse espaço em suas experiências cotidianas” (Santos, 2018, p. 8).

A partir da pesquisa de Santos (2018) é possível reconhecer a construção da história a partir de vivências do cotidiano, pois cada experiência de vida se mistura com a cidade e sua história, sendo essencial dar voz àqueles sujeitos silenciados e que não fazem parte da construção da história regional. Para o autor, o reconhecimento de histórias em sua multiplicidade “é praticar o respeito à diversidade, o elogio da diferença, é reconhecer as múltiplas intercessões de classe, raça, gênero, idade, ocupação, formação, entre tantas outras, que compõem a identificação e localização dos sujeitos no mundo, individual e coletivamente” (Santos, 2018, p. 306).

4 Metodologia

Numa pesquisa de caráter exploratório e descritivo, a metodologia utilizada buscou responder à questão: como as mulheres são representadas nas Coleções sobre Brasília em bibliotecas do Distrito Federal? Esta pergunta aponta tanto a questão relacionada ao assunto quanto à autoria. Neste sentido, três análises foram realizadas:

1. Avaliação de um produto bibliográfico (Bibliografia Brasília).
2. Avaliação do catálogo institucional de três Coleções Brasília.
3. Análise comparativa entre a Bibliografia Brasília e as Coleções Brasília.

A primeira análise foi realizada por meio do levantamento da Bibliografia Brasília (2020) publicada pela Câmara dos Deputados em comemoração aos 60 anos da capital federal e que

reuniu, de forma extensiva, 10.578 fontes bibliográficas sobre Brasília. Esta verificação se justifica no reconhecimento do conjunto de títulos que tratam da mulher no contexto de Brasília e dos assuntos relacionados a essa temática. Destaca-se que esse levantamento não apresenta a totalidade das publicações sobre Brasília, mas demonstra uma amostra significativa para análise, tendo em vista que é a bibliografia mais completa sobre a capital federal.

Na segunda análise foi identificada a representação de mulheres nas coleções sobre Brasília em três bibliotecas selecionadas para tal estudo: Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), Biblioteca Nacional de Brasília (BNB) e Biblioteca Affonso Heliodoro dos Santos (BAHS) do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF). As Coleções Brasília que fazem parte do acervo das três bibliotecas escolhidas são coleções bibliográficas de memória regional com foco na reunião de livros e folhetos sobre a capital federal. As características identificadas nessas coleções são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 - Características das Coleções Brasília

Biblioteca	Perfil	Criação da coleção	Acesso	Empréstimo	Títulos
BCE	Universitária	1972	Restrito	Local	857
BAHS	Especializada	2010	Aberto	Local	729
BNB	Pública	2019	Aberto	Domiciliar	786

Fonte: Autoria própria (2024)

Foram listadas todas as publicações presentes nas coleções das três bibliotecas estudadas, compilando em uma só listagem para identificar títulos similares nas coleções, incluindo também informação de indexação. Não foram considerados os exemplares, somente os títulos presentes nas coleções e o levantamento dessas coleções foi realizado no início de 2023. Para análise, foram consideradas somente publicações em livros e folhetos, mesmo se a coleção contasse com documentos de outros suportes e a listagem final chegou a 1.799 títulos. A partir desses títulos foi realizado o levantamento de publicações que tenham mulheres como parte da responsabilidade, bem como publicações que tenham a mulher como assunto principal.

Como as publicações foram identificadas a partir do catálogo das bibliotecas, as informações relacionadas à responsabilidade de publicação ficaram restritas aos dados incluídos na catalogação de cada biblioteca, desta forma, a discussão sobre a produção bibliográfica realizada por mulheres nas Coleções Brasília é apresentada com dados aproximados, evitando um maior aprofundamento. No entanto, é um estudo inicial que pode ser realizado em outras perspectivas para maiores resultados.

Por fim, foi realizada uma terceira análise comparando o levantamento realizado na Bibliografia Brasília (2020) com os livros e folhetos identificados nas três Coleções Brasília, na

busca por padrões quantitativos e qualitativos da representação feminina em publicações sobre a capital federal.

5 Análise dos resultados

Como resultado da primeira análise, verificou-se que na Bibliografia Brasília, considerando todas as 10.578 fontes bibliográficas, somente 175 títulos foram identificados tendo como temática principal o estudo do gênero feminino, representando 1,6% do total. Destas 175 publicações, 37 foram identificadas como livros e folhetos. Considerando que a Bibliografia Brasília contém a listagem de todo o tipo de documento como livros e folhetos, artigos de jornais e periódicos, capítulos de livros, teses e dissertações. A quantidade de publicações se torna irrisória considerando a quantidade total, tendo em vista que nem os estudos acadêmicos abarcam muito desta realidade. No total são 75 resultados de pesquisas: teses (19) e dissertações (56) que abordam sobre a mulher no contexto do Distrito Federal. Também foram localizados 57 artigos de periódicos e 6 capítulos de livros.

Em relação às datas dos 175 documentos que abordam sobre as mulheres, foram identificados títulos de 1980 a 2019, com a publicação mais antiga sendo 20 anos após a inauguração de Brasília. A publicação de 1980 é uma dissertação da área de Sociologia realizada na Universidade de Brasília, intitulada *Mulheres, seu trabalho e seus filhos* de Olga Cristina Lopez de Ibanez Novion. A publicação mais antiga dos livros e folhetos é de 1987 e trata do movimento feminista no DF. Com títulos de 1980, 1983, 1987 e 1989, a partir de 1991 as publicações seguem em anos consecutivos até 2019. Com relação à média anual, até 2005 tinham aproximadamente 3 publicações por ano. A partir de 2006, a média aumentou para aproximadamente 9 publicações por ano.

Os assuntos identificados nas referências bibliográficas foram: Antropologia; Arquitetura e Urbanismo; Ciências biológicas; Ciências políticas; Comunicação; Direito; Economia; Educação; História; Linguística; Medicina; Psicologia; Ciências da saúde; e Sociologia. No que diz respeito às áreas de conhecimento mais tratadas nas 176 publicações, Sociologia, Ciências da saúde, Direito e Antropologia estão relacionados a 44, 34, 29 e 18 títulos, respectivamente. A Tabela 1 apresenta todos os assuntos presentes nos títulos identificados na Bibliografia Brasília que trazem a mulher como assunto principal, além da quantidade presente em cada tipo de documento.

Tabela 1 – Quantidade de documento por assunto

Assuntos	Quantidade					
	Total	Livros e folhetos	Artigos	Capítulos de livros	Dissertações	Teses
Antropologia	17	5	5	0	5	2
Ciências biológicas	2	0	0	0	1	1
Ciências políticas	6	2	2	0	1	1
Comunicação	2	1	0	0	1	0
Direito	29	5	10	6	6	2
Economia	3	1	2	0	0	0
Educação	7	1	1	0	5	0
História	11	6	3	0	2	0
Linguística	2	0	1	0	0	1
Medicina	13	0	7	0	6	0
Psicologia	4	0	0	0	2	2
Ciências da saúde	34	3	14	0	14	3
Sociologia	44	13	12	0	12	7
Arquitetura e Urbanismo	1	0	0	0	1	0
Total	175	37	57	6	56	19

Fonte: Autoria própria (2024)

A temática da violência é identificada em 35 títulos dentre diversas áreas do conhecimento, demonstrando como o estudo de gênero se relaciona de forma recorrente com este tema, mesmo aparecendo em todos os tipos de documentos, é um assunto mais recorrente em artigos. Esta perspectiva mostra histórica e atual, pois se relaciona aos estudos históricos de Nascimento (2019) com as ocorrências policiais entre 1957 e 1961 e com dados atuais registrados em 2023, em que o Distrito Federal registrou aumento de 250% nos casos de feminicídio comparado aos casos em 2022, sendo o maior índice entre todas as unidades da federação no ano (Holanda, 2023).

A violência, no entanto, não foi uma experiência geral entre as mulheres, na publicação *Poeira e Batom* de Fontenele e Oliveira (2010), ao perguntar sobre a violência a 50 mulheres que viveram em Brasília no período da construção, poucos foram os relatos, inclusive alguns tiveram uma perspectiva de segurança, mostrando que essa violência que ocorria a mulheres acompanhava um recorte de classe. Nas respostas, as mulheres que eram filhas e esposas de profissionais da NOVACAP disseram que eram tratadas com respeito, enquanto que aquelas que trabalhavam como cozinheiras, camareiras, lavadeiras e assim por diante, diziam que precisavam estar atentas, pois se sentiam ameaçadas.

Dentre os 37 títulos de livros e folhetos, a Sociologia se apresenta como a área de conhecimento mais presente nos assuntos relacionados ao gênero feminino com 13 títulos. Remetendo bastante a violência, esses títulos também abordam identidade de gênero, trabalho,

criminalidade e família. A história também é um tema representativo com 6 títulos, buscando resgatar a memória das mulheres em Brasília, dois desses títulos foram de responsabilidade da pesquisadora Fontenele (2017).

Com base na *Revista Brasília*, onde a invisibilidade das mulheres está presente desde a primeira edição, reforçando imagens estereotipadas, as produções bibliográficas seguem a mesma tendência, em que há uma quantidade minoritária de títulos que abordam as mulheres no contexto da capital federal, em comparação com o volume de publicações sobre Brasília e o Distrito Federal. Como aponta Fontenele (2017), “curiosamente, no que tange a efetiva participação das mulheres na história da construção de Brasília, escassamente localiza-se publicações ou referências a sua atuação nesse período”.

Na segunda análise, realizada nas Coleções Brasília, verificou-se que, dos 1.799 livros e folhetos identificados nas três coleções, somente 11 livros e folhetos tem como assunto principal o gênero feminino, representando 0,6% do total. Duas tratam de biografias individuais, uma da filha de Juscelino Kubitschek, intitulada *Simples e princesa* e uma de *Izabel Maria: duquesa de Goyaz*. Quatro outras publicações trazem histórias de mulheres numa abordagem mais coletiva, sendo elas, *Mulheres pioneiras de Brasília*, *Mulheres presentes na História de Brasília*, *Memórias femininas da construção de Brasília* e *Poeira e batom no Planalto Central*. Uma das publicações traz a questão da violência de gênero, intitulada *Violência, gênero e crime no Distrito Federal* e três publicações apontam estudos socioeconômicos das mulheres, sendo elas, *A mulher no contexto socioeconômico do DF*, *Brasília Mulher* e *Brasília Mulher 2*. Por fim, uma publicação apresenta os movimentos sociais feministas no DF, intitulada *Brasília-mulher: movimento social das mulheres*.

No levantamento realizado nas Coleções Brasília, uma discrepância identificada foi em relação às biografias, que apresentam uma quantidade de 153 publicações, sendo 151 de figuras masculinas como: Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Ernesto Silva, Affonso Heliodoro dos Santos, Francisco Aquino Correa, Israel Pinheiro, Dom Bosco, Adirson Vasconcelos, Francisco Adolfo de Varnhagen, dentre outros. Estes dados confirmam o entendimento de que nas publicações sobre Brasília, bem como nas Coleções Brasília, existe a prioridade de se retratar homens individualmente na história da capital.

Os resultados encontrados demonstram uma prioridade e exclusividade dos homens presente na cultura escrita. O patriarcado desempenhou um papel crucial na construção e na perpetuação de uma memória inflexível, rígida e controladora do conhecimento. Desta forma, no âmbito literário e historiográfico, a escrita das mulheres foi, e ainda é, confrontada com uma política de invisibilidade que gerou consequências quase irreparáveis. Muitas mulheres, apesar

de possuírem o desejo de se expressar através da escrita, foram incapazes de fazê-lo e viram suas obras e intelectualidade subjugadas pelo domínio masculino (Tedeschi, 2016).

A construção da memória de uma região, para se afastar cada vez mais de uma narrativa hegemônica, deve incluir vivências plurais. Estudos como de Fontenele (2017) e Santos (2018) demonstram esse caminho de representatividade. Como aponta Mancilla *et al.* (2012, p.14, tradução nossa) “as relações de poder ocorrem em muitos aspectos da vida social, cultural, profissional e econômica. As mulheres, e outros sujeitos sociais, viveram historicamente um lugar subalterno nesses espaços, gerando relações desiguais”. Desde o início das produções bibliográficas sobre a nova capital do Brasil, o papel das mulheres foi considerado coadjuvante e o reflexo disto está nas Coleções Brasília.

Os resultados da terceira análise apontam que das 11 publicações localizadas nas Coleções Brasília somente uma não foi localizada na Bibliografia Brasília (2020). Sendo assim, 27 títulos que tratam do estudo de gênero não estão contemplados em nenhuma dessas coleções. A pouca representação da mulher nas bibliotecas, no que diz respeito às Coleções sobre Brasília, demonstra que uma das consequências da exclusão das mulheres do universo do mercado editorial pode ser percebida a partir da baixa produção, escrita por mulheres, sobre a cidade de Brasília.

Essa situação é reconhecida na hegemonia do sistema patriarcal, em que a voz masculina dominou de forma onipresente e influenciou as direções a serem tomadas em todas as esferas políticas e sociais. Diante desse cenário, torna-se evidente que qualquer iniciativa para promover uma participação mais justa das mulheres na gestão social e política inevitavelmente enfrenta as resistências arraigadas de um *status quo* estabelecido ao longo do tempo (Tedeschi, 2016).

Parte do esforço dos profissionais bibliotecários que atuam nas bibliotecas, especialmente naquelas que possuem coleções de memória, é valorizar vozes silenciadas, buscando reunir ao máximo títulos que tragam inclusão destas narrativas. No caso das publicações que tratam sobre mulheres na capital federal, é possível ter um esforço tanto no processo de compra, quanto na busca pelos autores que abordem sobre o tema trazendo-os aos espaços da biblioteca. Mostrar essa representatividade é incentivar outros estudos e outras possíveis publicações sobre a temática. A Ciência da Informação proporciona discussões e aprofundamentos relacionados ao estudo de gênero, e na atuação biblioteconômica essa discussão pode chegar à sociedade de forma mais acessível.

A norma, a neutralidade, é mantida por uma história que centraliza sujeitos específicos. O reconhecimento da Ciência da Informação desses sujeitos como dominantes no desenvolvimento histórico e informacional, enriquece no entendimento e ação efetiva da área para as(os) usuárias(os) de

informação. A profissional que insere esses preceitos em suas pesquisas e rotina de trabalho se torna mais atenta a sua subjetividade e aos papéis (de gênero) impostos pela sociedade, retornando um serviço de informação pautado pela criticidade, para pessoas que figuram e não figuram a dita norma (Passos, 2019, p. 84).

A Exposição *Outras Brasília: memórias sensíveis e contranarrativas*¹ realizada na Biblioteca Nacional de Brasília em outubro de 2023 como parte do evento *As Jornadas do Patrimônio Cultural do Distrito Federal de 2023* é um exemplo de se incluir nos espaços das bibliotecas as narrativas silenciadas. Na exposição, num esforço de ler, interpretar e observar o território do DF sob outras perspectivas, os idealizadores defendem o olhar crítico de eventos que ocorreram na capital federal na tentativa de construir narrativas adjacentes. Dentre as narrativas apresentadas na exposição, as mulheres se mostram nos questionamentos: “o que as fontes nos permitem compreender acerca da história das mulheres e das relações de gênero no cotidiano da construção de Brasília em fins da década de 1950?” e “como pensar sob uma perspectiva plural a presença de mulheres na nova capital?”.

Segundo Mancilla *et al.* (2012, p. 52, tradução nossa), na incorporação da abordagem de gênero nas bibliotecas é possível tornar visíveis as narrativas críticas das tradicionais relações assimétricas entre homens, mulheres e outras identidades, avançando assim na garantia dos direitos das pessoas, na igualdade de gênero, na diversidade e na inclusão social, entre outros. Dessa forma, além dos acervos, a utilização de outras atividades se torna aliada na abordagem de gênero.

Outra atividade realizada que corresponde a esse tipo de incorporação tratada por Mancilla *et al.* (2012), foi o encontro do Cineclube da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, realizado em abril de 2023, que expôs o filme *Poeira e Batom no Planalto Central* com a presença da diretora Tânia Fontenele, realizando a divulgação do trabalho, bem como abrindo um espaço para a diretora ter um diálogo com os presentes (Vieira, 2023).

O levantamento que trata da representatividade da mulher na produção intelectual ou como responsável pela execução do conteúdo das publicações pertencentes às Coleções Brasília demonstra que a mulher está registrada como responsável por 307 títulos, representando 17% dos 1.799 livros e folhetos, em contrapartida de 53% de homens, com 946 títulos. Dos restantes, 24 títulos não apresentam autoria, 356 títulos remetem somente a instituições e 166 não apresentam nenhum indício de autoria.

As responsabilidades de autorias das mulheres são variadas nos 307 títulos. De forma individual, 190 publicações são de autoria e 39 como organizadora ou editora. Ao compartilhar

¹ Informações retiradas de visita realizada à Exposição em outubro de 2023.

a responsabilidade, 23 publicações têm a mulher como organizadora ou editora em colaboração com outros. Nas responsabilidades compartilhadas como autora, 3 são relacionadas a instituições, 29 são relacionadas somente com homens, 10 são somente com outras mulheres e 7 com homens e mulheres. Das publicações realizadas em colaboração, em 7 não foi possível identificar o gênero das outras pessoas.

Agora considerando a época de impressão das 307 publicações identificadas nas Coleções Brasília, a autoria feminina tem o primeiro registro em 1959 com a publicação do livro de poesia *Candangos* de Donatilla Dantas. Nos anos seguintes, tem registro de 6 livros e folhetos publicados por mulheres nos anos de 1960, 1964, 1971 e 1973, um deles de uma professora universitária da Califórnia, nos Estados Unidos. Somente a partir de 1975 existem publicações em todos os anos, consecutivamente até 2021. Mesmo em anos consecutivos, durante 21 anos, de 1975 a 1995 a produção total de mulheres foi de 64 títulos, tendo um aumento significativo da produção a partir de 1996, que até 2002 somou 92 livros. Nos anos subsequentes a produção volta a cair, tendo de 2003 a 2022 uma média de 7 livros publicados por ano.

De um modo geral, constatou-se que a produção sobre mulheres é influenciada por mulheres. Nos 175 títulos identificados na Bibliografia Brasília (2020), em 119 tiveram mulheres dentre os responsáveis pelas publicações, inclusive a obra mais antiga foi escrita por uma mulher. Das responsabilidades individuais, 95 são autoras e uma é a organizadora da obra. Das teses localizadas, todas as 19 foram realizadas por mulheres e das dissertações 43 de 56 foram realizadas por mulheres. Pelos dados apresentados existe uma representatividade de produção pelas mulheres em temas sobre gênero.

A produção feminina, segundo Tedeschi (2016), possibilita a elaboração de uma historiografia literária e outras formas de expressão que destacam o sujeito feminino como testemunha ausente ou silenciada diante de eventos históricos que ecoam através da memória e do testemunho. Esse enfoque caracteriza uma análise fundamentada em relações interconectadas, que inevitavelmente se entrelaçam com aspectos individuais e coletivos para promover representações identitárias diversas e em constante evolução.

Retornando aos exemplos da DIBAM, um projeto que abrange várias temáticas é a Memória Chilena, que reúne em uma plataforma documentos e conteúdos originais relacionados à identidade cultural do Chile e faz parte das coleções da Biblioteca Nacional do Chile e de outras instituições do Serviço do Patrimônio Cultural Nacional. Nela é possível acessar, por exemplo, “conteúdos sobre a história das mulheres chilenas no século XX, sua vida privada, acesso à universidade, luta pela igualdade ou revistas direcionadas a elas” (Biblioteca Nacional de Chile, 2023).

Além desses conteúdos, existe uma coleção especial que compila parte da historiografia chilena produzida por mulheres. A historiografia do país começou na década de 1840 e durante quase 130 anos de produção historiográfica, as mulheres praticamente não apareceram como produtoras. Somente a partir de 1970, as mulheres estudantes de história começaram a publicar os próprios estudos e, apesar dessa inclusão da visão de pesquisadoras, o processo foi lento, tendo um aumento significativo de publicações nos anos 1990, em que além do aumento quantitativo de publicações, surgiram estudos com temáticas mais diversificadas.

A importância dessa coleção, segundo as historiadoras Josefina Cabrera e Javiera Errázuriz é que as pesquisadoras “também inovaram ao trabalhar com temáticas relacionadas à história das mulheres e de gênero, à história cultural e à história recente de nosso país” (Biblioteca Nacional de Chile, 2023). Isto é perceptível nas publicações que tratam das mulheres na Bibliografia Brasília ao representar 68% de autorias femininas, sendo representativas principalmente na produção de pós-graduação com 82,3% de autoria feminina.

Reforçando este entendimento, Tedeschi (2016) afirma que dentro do contexto histórico e literário, a voz narrativa feminina e testemunhal abre caminho para uma escrita da história e da literatura que focaliza a inclusão de um sujeito enquanto mulher e testemunha nesse domínio. Isso requer o destaque de transformações significativas no panorama literário e histórico, o que implica a integração de experiências sob diversas perspectivas.

Em bibliotecas no Chile, a atuação na preservação da memória nacional a partir de seus acervos, demonstram ações que podem ser replicadas a nível regional, no que diz respeito à busca pelo registro e pela divulgação da memória, dando vozes às mulheres, dentre tantas vozes silenciadas pela historiografia. Na Coleção Brasília, o ato de reunir livros e folhetos que trazem Brasília como temática, principal ou secundária, é importante para a salvaguarda da memória da capital federal, mas pode não ser o suficiente para trazer representatividade de gênero, tendo em vista a produção insuficiente de títulos sobre o assunto.

Sendo assim, as ações complementares na busca por maior representatividade de gênero na memória regional, envolvendo a comunidade, – como exposições sobre a temática, visitas técnicas destacando questões de gênero na coleção, palestras sobre a mulher na historiografia do DF, cursos e eventos que incentivem a produção intelectual de mulheres, rodas de conversa com autoras, clubes de leitura de publicações sobre mulheres e de livros escritos por mulheres, entre outros – é que farão diferença para dar visibilidade à participação das mulheres na história de Brasília, preservando sua memória e combatendo a invisibilidade de suas ações na construção da cidade.

6 Considerações finais

É no estudo de gênero que percebemos as assimetrias de poder presentes nas relações entre homens e mulheres na sociedade. “O conceito de gênero desafia a legitimidade de certos discursos que tinham sido descartados pelo sistema de gênero predominante, valoriza identidades diversas e gera um novo espaço de reconhecimento na sociedade” (Mancilla *et al.*, 2012, p. 24, tradução nossa).

No que diz respeito à participação das mulheres na história documentada sobre a capital federal, há uma representatividade mínima e isso é percebido em três coleções que tratam de Brasília e do DF, possuindo somente 11 publicações que tratam exclusivamente sobre a mulher, seja na construção histórica, seja numa visão social, dentre outras.

Já a produção intelectual das mulheres, no que diz respeito às Coleções Brasília, se mostram menores do que a dos homens, numa diferença de 36%. Principalmente no que diz respeito aos anos de publicação. Apesar de ter livro publicado desde 1959, a frequência de publicação realizada por mulheres é baixa até 1996. No levantamento realizado na Bibliografia Brasília (2020), é possível ver a produção intelectual feminina influenciando os estudos sobre gênero, se apresentando em maior número dentre as 175 referências bibliográficas que abordam sobre a mulher na capital federal.

Parte dessa situação resulta da privação que mulheres sofreram por décadas no que diz respeito à autonomia e à subjetividade necessária para se expressarem, resultando na manipulação e no controle sobre sua capacidade de usar a palavra e a escrita. Isso não apenas consolidou o poder, a lei e o imaginário social na história, mas também legitimou uma minoria social que determinou e restringiu as ferramentas do pensamento, impedindo que as mulheres exercessem livremente sua autonomia na narração e na escrita (Tedeschi, 2016).

Pela falta de títulos publicados em livros e folhetos tratando sobre o assunto, as mulheres são pouco representadas em coleções bibliográficas de memória regional nas bibliotecas. Tendo em vista que a produção bibliográfica já se estabelece com essas desigualdades de gênero, as bibliotecas precisam de alguma forma incorporar narrativas femininas, podendo o profissional bibliotecário auxiliar na estruturação de coleções mais igualitárias. Dentro das bibliotecas, como espaços vivos de informação e conhecimento, é possível trabalhar atividades e serviços complementares, como palestras e exposições para apresentar narrativas alternativas das narrativas hegemônicas. No caso da representatividade feminina, além das ações para dar visibilidade às memórias de mulheres na capital federal, a valorização de autoras de Brasília nos espaços das bibliotecas permite um alcance maior de suas vozes.

Referências

- ACHILLES, D.; GOLÇALVES, M. L.; PEIXOTO, R. C. A memória das bibliotecas públicas brasileiras e a perspectiva decolonial. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 12., 2022. **Anais eletrônicos [...]**. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/1202/753>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- ALIAGA FUENTES, M.; CARNAÚBA, A. E.; BOMTEMPO, B. O papel das mulheres e suas representações: Revista Brasília 1957 a 1963. *In: ENANPUR*, 10., 2023. **Anais eletrônicos [...]**. Belém, Universidade do Pará, 2023. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/10/st06-35.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- ALMEIDA, C. C. de; MANUEL, R. S. S. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. **Informação & Informação**, v. 26, n. 4, p. 76–108, 2021. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44464/pdf_1. Acesso em: 2 dez. 2023.
- ARAÚJO, D. M. P.; SILVEIRA, F. J. N. da. Mulheres escritoras em bibliografias brasileiras. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.52 n.1, p. 49-65, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/6264/6244>. Acesso em 20 nov. 2023.
- BIBLIOTECA NACIONAL (CHILE). **Memória chilena**. 2023. Disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-channel.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- CHAVES, E. M. L.; BIZELLO, M. L. Arquivos pessoais de mulheres: a institucionalização necessária. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 12., 2022. **Anais eletrônicos [...]**. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/viewFile/1111/809>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- DUARTE, C. L. Na contramão do memoricídio. *In: DUARTE, C. L. (org.). Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Luas editora, 2022.
- FONTENELE, T. Mulheres na construção de Brasília: invisibilidade feminina na história da nova capital do Brasil. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11. 2017. **Anais**. Florianópolis, 2017.
- FONTENELE, T.; OLIVEIRA, M. F. G. de. **Poeira e batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília**. Brasília, DF: Petrobras, 2010.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil: 1975-1995. *In: PISCITELLI, Adriana (autor). Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016, p. 75-104. (Coleção ensaios brasileiros contemporâneos).
- HOLANDA, R. DF registra aumento de 250% nos casos de feminicídio; índice é o maior entre todas as unidades da federação. **Globo**, 18 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/11/18/df-registra-aumento-de-250percent-nos-casos-de-femicidio-indice-e-o-maior-entre-todas-unidades-da-federacao.ghtml>. Acesso em: 16 jan. 2024.

LIMA, G. B. Formação e desenvolvimento de coleções: a biblioteca como dispositivo ético e estético. **Revista Informação Cultura**, Mossoró, v.1, n.1, p. 30-43, jan./ jun. 2019.

LOPES, C. C. Arquivos e coleções de mulheres no CEDOC/FUNARTE: um diagnóstico. **História e Cultura**, Dossiê Temático, v.11, n.1, jul. 2022. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/3615>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MANCILLA, C. M. *et al.* **Guía para la incorporación del enfoque de género em bibliotecas**. Santiago de Chile: DIBAM, 2012. 94 p. Disponível em: https://www.genero.patrimoniocultural.gob.cl/651/articles-25976_archivo_01.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.

NASCIMENTO, J. G. do. Representações de gênero em ocorrências policiais de violência contra mulheres na construção de Brasília. **Temporalidades**, v. 11, n. 2, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/12688/10021>. Acesso em: 2 dez. 2023.

PASSOS, M. F. dos. **Estudos de gênero na ciência da informação**: análises dos anais do ENANCIB. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204536>. Acesso em: 3 dez. 2023.

RAGO, M. As mulheres na historiografia brasileira. *In*: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995, p. 81-91.

REDE ARQUIVOS DE MULHERES. 2021. Disponível em: <https://redearquivosdemulh.wixsite.com/website-2>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SANTOS, J. A. C. L. dos. **(Re)canto de memórias**: histórias do Recanto das Emas e suas moradoras (1993-2017). 2018. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/32296>. Acesso em 2 dez. 2023.

TEDESCHI, L. A. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 153–164, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 14 fev. 2024.

VIEIRA, G. Cineclube BCE: Poeira e Batom no Planalto Central. **Biblioteca Central**, 2023. Disponível em: <https://bce.unb.br/2023/04/cineclube-bce-poeira-e-batom-no-planalto-centrak/>. Acesso em: 10 dez. 2023.